TRÊS ANJOS

E. RITT

TRÊS ANJOS

partners coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023
Copyright © E. Ritt, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Sarah Libna

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ritt, E.
Três anjos / E. Ritt. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-41-0

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira 2. Suspense 3. Mistério

Grupo Editorial coerência | partners coerência

Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.8020-0810

"As provas circunstanciais são uma coisa muito complicada",
respondeu Holmes, pensativo.
"Pode parecer apontar muito diretamente para uma coisa, mas, se mudar um pouco o seu próprio ponto de vista, pode achá-lo apontando de forma igualmente descomprometida para algo completamente diferente."
O mistério do Vale Boscombe, 1891.

Defleo Iudææ cladem, Solymæque ruinam
Ad Dominumque velint, quæso redire Suum.
IEREMIAS, cap. 35[1]

1. Texto do pergaminho da imagem de Jeremias esculpida pelo Aleijadinho e que se encontra no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas leitoras betas Francesca Ritt, Flavia W. de Almeida de Bem, Sérgio de Bem, Cindi Saicosque, Evelyn Haddad, Julio Soccol, Evelise Garcez Menezes, Julia Kulmann, Hilton Luiz Lima Garcez, Michelle Lima Garcez, Débora Presotto, Juliana Choque Barbizan e Karine Gonçalves Moreira por terem lido as primeiras versões deste livro. Os retornos foram de grande valia. Agradeço a meu primo Willian Garcez, delegado, por validar as questões legais.

PRÓLOGO

MAYARA

Tragédias não combinam com dias de sol. Quem disse que "o tédio é a desgraça das pessoas felizes" estava totalmente errado.

Encostei a cabeça no espaldar do sofá e soltei um suspiro longo, expelindo ar e tensão, quase um assovio que selava o silêncio que tinha se instalado desde que todos saíram. Inalei liberdade.

Eu não estava acreditando que minha mãe iria embora. E ela tinha ido. Não achara que meu pai teria sucesso em empacotá-la nos braços e generosamente desviá-la para dentro do carro, mas havia errado. Ela fora embora.

A ideia de vir para Ouro Preto surgira de um comentário do meu pai um ano antes. Num dia cinzento de verão, daqueles com cheiro de terra molhada, ele perguntara sobre a minha carteira de motorista. "Caso você precise durante a faculdade...", completara. De imediato, a ideia formada e aceita de uma Mayara dentro de um ônibus balançante indo para a UFMG fora dando lugar a uma Mayara em alguma cidade onde as pessoas fossem de carro para a universidade. Tão genial e tão banal.

"Nem comente com sua mãe", dissera com um ar cúmplice e uma piscadela.

Nem tinha precisado repetir.

Minhas pesquisas se cristalizaram em quatro palavras: artes cênicas e Ouro Preto. Futuro definido.

Todos os argumentos que minha mãe apresentara baseada em seus medos infundados foram massacrados pelos meus argumentos. Me sentira invencível.

O tecido aveludado sob minhas coxas me lembrou de que eu beijaria muita gente naquele sofá. Talvez até mais que isso, dependendo da vibe das minhas colegas de casa. Eram duas, a Nathy e uma outra menina que eu ainda não tinha conhecido. Minha mãe conseguira um contato obscuro com duas outras mães que também acreditavam que suas filhas eram bolhas de sabão prestes a desaparecer no ar e que, por isso, precisavam de cuidado contínuo.

Na verdade, somos robustas como bolinhas de golfe. Meus cachos, que haviam voltado depois da fase do cabelo cortado quase zero, balançaram em euforia.

"Certo, mamães! Não estamos sozinhas. Podem ir!", eu tinha exclamado em voz alta, bêbada de liberdade; com um riso bizarro.

A mãe de Nathy também estivera ali, e deixara um amontoado de coisas agradáveis. Não me importava que viessem, deixassem comida e coisas boas, desde que após elas... sumissem.

Olhei pela janela e vi meu carro estacionado na ladeira íngreme. Meu carro, repeti. Aquelas ruas de Ouro Preto não eram nada amigáveis. Eu andava produzindo fumaças pretas e fedorentas tentando dar partida no carro. Descobrira que, entre achar o momento correto para largar o freio de mão e o de passar o delineador nos olhos, sou mais hábil com a maquiagem.

E olha que meus olhos vivem borrados!, pensei, sentindo o cheiro de maquiagem. Memória olfativa.

Quando eu me formar e tiver muita grana, vou comprar um carro automático.

Caminhei pela sala enorme da nossa nova e confortável casa. Peguei uma almofada e a abracei pensando onde eu iria arrumar o veterano certo para aterrissar logo naquele sofá gostoso junto comigo, e então notei Nathy rindo da minha cara postada na porta.

— Sonhando com o quê? — perguntou ao jogar uma almofada em minha direção.

Nathy tinha foxy eyes naturais, o que dava a ela uma beleza incomum.

— Que vou beijar na boca de garotos dessas repúblicas com nomes hilários. Ontem dei uma caminhada e vi a república "ai-se-eu-te-pego". — Gargalhei. — República Álibi.

— *Uh* — falamos em uníssono.

Eu e Nathy estávamos alinhadas. Até parecia que nos conhecíamos havia décadas.

— Fico com o meu crush mesmo. Aproveita que tá solteira — disse entrando na cozinha e voltando com uma barra de chocolate.

— Ugh! Chocolate de manhã?

— Sem mães, sem regras. É o meu almoço. — Me ofereceu um pedaço, que recusei com uma careta. — Falando em crush... Vamos num barzinho hoje à noite. Topa? — continuou e devorou o resto da barra em pedaços inimagináveis.

O entorno da famosa praça Tiradentes acomodava as mesas com cadeiras dobráveis de madeira. A visão do museu de mineralogia, o calor agradável de fim de verão, gente jovem, cheiro de suor limpo, o empoderamento da autonomia e a cerveja artesanal reuniam o necessário para a perfeita primeira noite dos próximos quatro anos em Ouro Preto.

Encontrei Nathy e seu crush no bar e meus planos de encontrar um monte de gente estranha, única, de todos os sabores aumentou. Com eles veio um amigo, mas ficou claro no primeiro segundo que ele, como eu, gostava de meninos.

— Sou de BH. E você? — respondi depois de termos esgotado o tema "qual curso?" e vestibular.

— Também. Estou amando morar sozinho. Meus pais são um saco.

— Mesma coisa. Minha mãe tinha vinte anos de banco quando eu nasci. Virei uma espécie de aposentadoria precoce. Você não imagina o que é ser o centro das atenções de uma mãe que não tem outra coisa para fazer.

A expressão do rosto dele me lembrou a de alguém vendo um gatinho perdido.

— A minha é dona de casa. Não sei bem o que é pior. Mas depois que saí de casa, ela encontrou um grupo de amigas no pilates e me sinto melhor que cada um tenha a sua vida.

— Ah. Não é meu caso. A minha mãe ainda liga três vezes por dia.

— Tadin docê — brincou enquanto virávamos o segundo chopp.

Ficamos planejando encontrar um monte de gente alternativa, gente orgânica, gente artista, gente vegana e aproveitar o tempo de facul. Ao terminarmos o terceiro chopp, Nathy e seu crush tinham passado de dois corpos fundidos a dois corpos desaparecidos.

— Sumiram — respondeu com uma piscadela quando me dei conta.

A inveja veio, o sono também, e com eles uma maquininha. Meti o cartão nela ainda pensando em algo sacana. Meu novo amigo foi para casa a pé e se despediu com uma piscadela e um "*take care*".

O carro estacionado na ladeira íngreme — pleonasmo em Ouro Preto — me lembrou da fumaça preta. Preferia que Nathy estivesse comigo. Poderia rir mais fácil do que eu sabia que estava prestes a acontecer. Enfim... era ladeira abaixo agora. Não poderia dar errado. E depois bastava embalar o carro. Fazia diferença se fosse ladeira acima ou abaixo? Eu me lembrava de algo.

Duas cervejas teriam sido suficientes. Cara, é horrível dirigir em Ouro Preto.

— Para, Mayara! — disse em voz alta.

Sentada no banco do carro, com uma tontura boa, me orgulhei do meu carro e da minha casa. Apertei os olhos e ergui dois punhos na altura da cabeça:

— *Yeah!* A minha mãe foi embora! Vai, mãe! Tchau. — Minha voz saiu eufórica. — Que bom ficar sozinha, sô!

Na minha cabeça os pensamentos se atropelavam.

Que gastura! Só que agora tô descendo esta ladeira e... Véi, como é mesmo que funciona? Piso no freio? Posso soltar a embreagem?

Eu tinha dirigido quase um mês inteiro em Belo Horizonte. Só que lá era plano. Bem que eu podia ter treinado em Nova Lima e estaria acostumada com aqueles trens. Mas não. Meu bairro não tinha ladeiras.

O carro tá me parecendo um pouco rápido demais. Como que eu faço para parar? Será que ajuda puxar o freio de mão? Ops!

Não tive tempo de decidir. Ouvi um *tunc*!

O que foi isso, caramba? Cara, eu bati em alguém! Deu ruim! Para tudo! Pelo menos o carro parou, pensei, desesperada, enquanto puxava o freio de mão.

Abri a porta.

— Tem uma mulher no chão. Cara, tem uma mulher caída no chão! — disse em voz baixa a mim mesma, quase em um sussurro.

Ela tem que estar respirando. Ela tem que estar respirando! Fui até ela. Toquei num corpo de cabelos loiros com mãos trêmulas.

Não, ela não tá respirando.

Minha cabeça girava, pânico me inundando.

Como assim? Por... caria! Não! Eu nem estava tão rápido.

Olhei para os lados. Nas duas casas das esquinas nenhuma luz se acendeu.

Será que alguém viu? Ninguém. A rua tá vazia! Nesse lugar não tem ninguém. Eu tava agora mesmo no centro, cheio de gente, e aqui não tem ninguém. Que bom que não tem ninguém! Ninguém viu, tentava, sem sucesso, me acalmar.

Será que eu ligo para o meu pai? Não! Meu pai vai falar para minha mãe. E a minha mãe vai me levar para casa. Cara, eu matei alguém. Mas não foi por querer. Eu não queria. Deus sabe que eu não queria. Sentei-me no chão. Meus olhos se encheram de um pânico aguado que escorria junto com o suor.

Presa! A vida começando já por terminar.

Esperei que uma viatura estacionasse atrás do meu carro. Imaginei algemas nos meus pulsos num abraço de relacionamento abusivo. Mas nada aconteceu. O silêncio da cidade era de morte, a sentença escura de uma vida de estudante que nem sequer começara.

Não. Não posso deixar isso acontecer.

Tomada por um lapso de lucidez inesperado, peguei a mulher pelos sovacos. Virei o rosto tentando imaginar que eu arrastava qualquer outra coisa. Lembrei do dia em que arrastara uma amiga em coma alcóolico até a cama na casa de um amigo após uma balada.

Levantei a mulher e tentei por três vezes colocar a parte superior do corpo dentro do porta-malas... Quando deu certo, o resto foi fácil e ela estava totalmente lá dentro; o que eu não me lembro é de tê-lo fechado.

Dirigi sem rumo até chegar numa estradeca. Tudo o que eu queria era ir para algum lugar onde pudesse estar só e pensar. Parei o carro.

Tô com muito sono, pingando de sono. Minha cabeça tá zoada. Sentia meus olhos pesados como um cobertor encharcado.

Será que a Nathy tá em casa?

Sorri ao imaginá-la suada e satisfeita nos braços do crush dela.

Ela tá tendo uma experiência ainda melhor. E eu? Tadim de mim!

Imaginei que no meu futuro de assassina, atropeladora embriagada, não haveria veteranos, beijos na boca ou formatura com minha mãe chorando de emoção.

Não posso perder minha vida, não posso!

O sono pressionou meus miolos marinados no álcool, fazendo purê. Adormeci.

Acordei no susto.

Onde eu tô? Cama? Carro. Carro? Cara, tive um sonho horrível.

Não era sonho. Eu ainda estava na tal estrada no meio do nada dentro do meu carro. Escuridão total.

A menina tá no porta-malas?

Abri a porta. Abri o porta-malas. Ela estava lá, e estava morta.

Cara, tô num lugar escuro. Podia ter sido assaltada, estuprada, morta durante o tempo em que dormi, me senti minha mãe pensando nisso.

O álcool já não embaralhava tanto minhas ideias. Minha cabeça ficou um pouco mais clara. Abri de novo o porta-malas dizendo para mim mesma:

— Não tem ninguém aqui. Estou sozinha. Numa estradeca de chão. Não sei como cheguei aqui.

Me dei conta de que eu sequer havia pensado para onde ir. Olhei o relógio. Três horas da manhã.

Peguei o celular. Abri o Google Maps. Me dei conta de que estava perto de um morro que eu conhecia.

Eu tinha estado em Ouro Preto havia um ano com a escola e fizéramos uma trilha no Morro do Gogô, que é um sítio arqueológico.

Pelo menos sei onde estou. Viemos com a van por esta estrada. Nó, eu dirigi até aqui? Tô quase em Mariana e podia ter atropelado outra pessoa por estar bêbada de cerveja e pânico.

Considerei que a menina podia ter acordado, cheia de uma esperança idiota. Quando a realidade era muito ruim, eu tendia a verificá-la mil vezes como uma expectativa vã de vê-la mudar.

1

ANA

— Ai! Pode largar meu cabelo, mocinha? Por favor... — disse sorrindo.

Tenho certeza de que minha biologia produz alguns hormônios que me fariam morrer por essa pessoazinha. Os olhos azuis de Frank no rosto emoldurado com cabelos claros iguais aos meus faziam minhas endorfinas explodirem como fogos de ano novo. A blusa de poá graúdo que ganhara de mamãe dava a ela um ar de bebê dos anos 1970.

Saí do terreno plano, uma raridade em Ouro Preto, e andei alguns metros pela calçada rústica que me levava da minha casa à escolinha. A parte plana não resistiu por muito tempo, e então acessei a ladeira.

Ouro Preto nunca me deixaria com flacidez nas coxas.

O prédio que parecia um castelo me olhou, imponente, de seus dois andares, aprumado em uma colina de esquina. Eu sempre pensava que devia ter sido a casa de alguém rico que a perdera numa falência, e assim tinha virado creche.

A mais imponente casa de Bom Jesus, cidade onde nascera, materializou-se na minha mente; tratava-se da casa de um médico falecido, cuja filha estivera na escola comigo e que reencontrara em Bom Jesus havia pouco tempo em circunstâncias inusitadas. Senti o cheiro de Bom Jesus. Sim, minha cidade tem cheiro. Cheiro de mata, amadeirado.

O que teria acontecido com aquela casa?

A decisão de ter filhos estava mais que vencida quando Frank entrara em casa com um edital de concurso para perito criminal em Ouro Preto

impresso na mão. Eu o ignorara por achar que era brincadeira. Não era. Demorara pouco, mas bem pouco mesmo para eu me acostumar com a ideia e entender sua genialidade. Mas eu teria preferido que a ideia fosse minha. A nova perspectiva havia me movido para duas coisas novas: Liz e a perícia.

"E seu ódio pelas cidades pequenas?", perguntara Frank quando estávamos no cartório assinando a escritura de uma casa com jardim, logo após Frank ter assinado a transferência para a UFOP. "Cidades pequenas e turísticas", eu tinha respondido frisando a conjunção. "Deve ser um teste para que eu não tenha que me decidir com uma só amostragem. E não tenho ódio por cidades pequenas, só não gosto de não ter individualidade. A proximidade social excessiva é que me incomoda."

— Bom dia, mamãe Ana! — disse a educadora olhando, divertida, para o meu rosto avermelhado, de quem tinha subido a ladeira a pé com Liz no colo.

Senti nela o cheiro de um perfume que eu adorava, mas não conseguia lembrar o nome.

"Mamãe Ana"! Só mesmo esse título poderia me fazer mais feliz que o de perita. Sorri com os olhos e tive consciência de meu pulmão se enchendo de ar. Ser semente, brotar, dar vida, sentir-se imortal. Por que demorara tanto para tomar essa decisão? Não parecia mais fazer sentido. O sentimento de compreender a vida sem o serzinho Liz já não me era concebível.

Liz abriu os bracinhos gordos para a pedagoga, facilitando minha despedida.

Então a Ana com lágrimas nos olhos foi substituída por uma Ana quase eufórica descendo outra ladeira em direção à delegacia. Essa era a Ana perita, a Ana apaixonada pela nova profissão.

Na minha sala, que ficava aos fundos do prédio colonial térreo que acolhia a delegacia de Ouro Preto, minha mesa me deu boas-vindas. O por mim amado cheiro de pó de café enchia o ambiente. Pensei na similaridade entre meus dois empregos, lembrando-me do cheiro do café gourmet de caramelo que eu servia no Café Pretinho Básico e que ainda está lá em Porto Alegre com minha ex-sócia.

Com um bom café mineiro fumegando na xícara estampada com o rosto de Liz bebê, depois de três dias de licença médica, eu ajudava um colega com um relatório administrativo enquanto ele me detalhava um

acidente recente quando Gabriela entrou balançando mechas acinzentadas em vez das usuais mechas loiras:

— Uma doutoranda da UFOP sofreu um acidente fatal — disse ao se sentar na cadeira que ficava em frente à minha mesa de trabalho, o cheiro do café dela misturando-se ao do meu.

— Não acredito que isso acontece bem quando eu saio. Vocês deviam ter me chamado — respondi, apertando os lábios e erguendo o queixo. — A menina morreu, pelo que acabei de ouvir.

— Claro que não! Sei como é com enxaqueca. E nem pense que foi só por bondade, mas não acho que a dor de cabeça ia ajudar você a escrever um bom laudo — comentou, cáustica.

Sorri.

— Você tem razão. Perfeccionista como sou, não estaria satisfeita com o meu relatório, mas também sei que não estarei com o do substituto. — Gabriela levantou-se, abriu de leve os braços com as palmas para cima, olhou-me de lado e marchou para a porta enquanto eu dizia em tom mais alto que o normal para que ela me ouvisse: — Adorei o cabelo.

Preparei-me para pegar a viatura e ir até a garagem onde ficavam os carros acidentados para que esperassem a perícia apenas para descobrir que o corpo e o carro já haviam sido transferidos para Belo Horizonte.

Concluí que a enxaqueca ia me custar caro.

Depois de uma rápida passada em casa para cumprir obrigações do turno de almoço como mamãe, liguei para a delegacia manobrando o carro para fora da minha garagem, que fechou com o mesmo som oco de sempre.

— Avise Gabriela que estou me deslocando para Belo Horizonte hoje.

Ouvi os engasgos da cafeteira, os típicos do momento em que a água termina.

— Certo. E se ela me perguntar o que você foi fazer?

— Não vai. Mas se ela perguntar, fale que não gostei do ângulo das fotos do perito. O carro mal foi examinado. Odeio quando meu trabalho é feito pelos outros — respondi, e não consegui não comentar: — A conclusão "perdeu o controle do carro" não serve para nada. O que significa? Isso não é a causa, e sim a consequência.

Nada mais que silêncio e o barulho do colega servindo-se de café.